



**ACADEMIA E O CHÃO DA ESCOLA: APRENDER E O FAZER DE
FORMA INDISSOCIÁVEL**

**ACADEMY AND THE SCHOOL FLOOR: LEARNING AND DOING
INSEPARATELY**

Lucenildo Vicente¹
nildovicente.nv@gmail.com

Luiz César Barbosa da Silva²
cesar.barbosa@ufape.edu.br

Resumo

Este artigo baseado em um relato de experiência, tem como objetivo uma explanação a respeito da teoria adquirida na sala de aula da universidade e da prática no chão da escola, além de uma reflexão de como a disciplina Fundamentos e Metodologias no Ensino de Artes II (FMEA II), do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, contribuiu de forma particular na minha formação enquanto futuro docente. Utilizarei para tal escrita a pesquisa narrativa de acordo com Clandinin e Connelly (2015), uma vez que ao narrar me proponho a compreender o processo de ensino na academia e a sua prática na sala de aula, de abordagem qualitativa e de análise de conteúdo, trazendo uma perspectiva dos estudiosos sobre a temática proposta. Através desse estudo, é notória a importância e contribuições que a sala de aula no contexto acadêmico tem sobre seus graduandos, contudo é necessário considerar os espaços formativos fora sala de aula, se atentando ainda que a absorção da teoria nas disciplinas ministradas não são suficientes para que o graduando tenha sua plenitude colocada em sala. Deste modo, deve-se buscar levar futuros docentes de encontro à teoria e a prática no chão da escola.

Palavras-chave: Prática Docente. Aulas Práticas. Fora das salas de aulas. Intervenção.

Abstract

This article, based on an experience report, aims to explain of the theory acquired in the university classroom and the practice on the school floor, as well as reflecting on how the subject Fundamentals and Methodologies in the Teaching of Arts II (FMEA II), from the Pedagogy Degree course at the Federal University of Agreste de Pernambuco, has contributed uniquely to my development as a future teacher. For this writing, I will use narrative research

¹Estudante de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, UFape.

²Mestre, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, UFape.

according to Clandinin and Connelly (2015), since by narrating I propose to understand the teaching process in academia and its practice in the classroom, with a qualitative approach and content analysis, bringing a perspective from scholars on the proposed theme. Through this study, the importance and contributions that the classroom in the academic context has on its undergraduates is notorious. However, it is necessary to consider training spaces outside the classroom, as the absorption of theory alone is insufficient for graduates to reach their full potential in the classroom. Thus, we must seek to bring future teachers into contact with both theory and practice on the school floor.

Keywords: Teaching Practice. Practical Classes. Outside the Classroom. Intervention.

Introdução

O presente texto acadêmico tem como intuito apresentar e descrever as atividades realizadas durante a disciplina de Fundamentos e Metodologias do Ensino da Arte II (FMEA II), que é ofertada na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) para alunos e alunas do sétimo período do curso em Licenciatura Plena em Pedagogia do semestre 2023.1, com um total de setenta e cinco horas aulas.

Penso ser de bom tom trazer singularidades pessoais para endossar mais a escrita deste estudo, sou um estudante do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, morador de uma Comunidade Quilombola, e ex-integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID, 2020-2022), este sendo o primeiro programa que fiz parte na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, com isto, tive uma facilidade em me adaptar nos estágios supervisionados, momento de grande importância para os futuros licenciandos, pois é nestes que grande parte dos licenciandos têm contato com a prática docente. Atualmente sou Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes: Comunidades Populares e Quilombolas, onde temos como princípio ações desenvolvidas com a tríade acadêmica Ensino/Pesquisa e Extensão correlacionados com as comunidades populares e quilombolas.

Vale ressaltar que durante todo o processo programático da disciplina, foram abordadas questões referentes às manifestações indígenas indo de encontro ao contexto geral até às particularidades destas, perfazendo então com que os discentes em suas singularidades despertam as mais diversas compreensões referentes ao tema.

Ao mesmo tempo que eram abordadas questões teóricas em sala de aula, tínhamos o prazer de nos deparar com realidades próximas, com personalidades indígenas presentes da própria UFAPE, tal feito é consequência de eventos que ocorreram na própria Universidade, que foram realizados e idealizados pelos próprios indígenas e quilombolas como é o caso dos encontros de Indígenas e Quilombolas, que teve sua primeira realização no ano de 2022.

Sem perder de vista a importância do professor regente da disciplina FMEA II, enquanto educador que traz para a sua prática cotidiana o olhar sensível e necessário em atender as demandas e aprofundar as temáticas para trazer uma disciplina descolonizadora com contextos reais e significativos. Destaco que existe uma grande importância em realizar aperfeiçoamentos e cursos direcionados às disciplinas descolonizadoras, e que esse campo imerge em diferentes pontos importantes para formação enquanto educador consciente das multiplicidades étnicas.

Além das consequências diretas e/ou indiretas de fenômenos advindos fora sala de aula, deve-se levar em consideração os processos dentro da própria disciplina presentes no plano de aula, que nos conteúdos programáticos foram elencados como: 1. Colonialismo e Pós-Colonialismo no contexto da Arte/Educação brasileira; 2. Arte Decolonial no processo de ensino de Arte/Educação brasileira; 3. Arte Indígena; 4. Arte e Inclusão; 5. Arte e Diversidade; Leitura de imagens, contextualização e fazer artístico. Com isto, percebe-se o cuidado na abordagem das manifestações indígenas durante todo o percurso, com ênfase maior no conteúdo programático, buscando uma compreensão e diálogo a respeito das Artes Indígenas.

A fim de uma melhor estruturação, trarei um vasto referencial teórico acerca da importância prática em sala de aula e como a mesma deve ser dialoga com a teoria, logo após a metodologia utilizada e a importância da pesquisa para o desenvolvimento da intervenção em sala de aula, trarei enquanto pesquisador narrador os passos percorridos pela FMEA II como processo de construção do conhecimento para abordar a temática de manifestações indígenas no Brasil, e a contribuição da Universidade para estes diálogos. Por fim, as considerações finais a respeito do processo utilizado na disciplina, apontando as possibilidades e conexão existente entre as teorias aprendidas em sala e a prática no chão da escola.

Teóricos de Referência

A importância da prática em sala de aula dos futuros docentes no curso de licenciaturas sempre foi visto como algo primordial no complemento a sua formação inicial, a fim de uma relação entre as teorias aprendidas e as práticas, para isto, existem programas que visam levar os estudantes das licenciaturas até ao chão da escola, como é o caso do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), pensando na não absorção apenas das teorias

ensinadas em sala de aula mais repensando as práticas existentes, tal manobra também é realizada durante os estágios supervisionados no percurso da licenciatura, momento chave para os futuros docentes terem experiências práticas. Nas palavras de Freire (1996, p. 21) “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal concreto que quase se confunda com a prática”.

Destaco que a disciplina de FMEA II em si, NÃO se trata de um estágio supervisionado, contudo ao saímos da academia e nos dirigirmos a sala de aula para aplicação/execução de plano de aula, estamos tendo uma imersão no campo profissional, onde utilizamos de métodos vistos em sala de aula.

Segundo Pimenta e Lima (2004, p. 13) as disciplinas,

[...] conforme nosso entendimento, são ao mesmo tempo ‘teóricas’ e ‘práticas’. Num curso de formação de professores, todas as disciplinas, as de fundamentos e as didáticas, devem contribuir para a sua finalidade que é a de formar professores, a partir da análise, da crítica e da proposição de novas maneiras de fazer educação. Nesse sentido, todas as disciplinas necessitam oferecer conhecimentos e métodos para esse processo.

Compreender a indissociabilidade da teoria e da prática não é uma tarefa fácil, apesar disto, temos um alicerce de escritos acadêmicos que nos possibilitam de maneira minuciosa interpretar quais as consequências pela falta da prática em sala de aula, e o quanto a sala de aula e os futuros docentes têm a ganhar com o trabalho em conjunto das teorias aprendidas.

Nesse ponto, corroboro com as considerações de Miranda (2009, p. 6453), quanto a concepção de estágio:

[...] estágio perpassada pela pesquisa uma vez que aproxima da realidade de forma reflexiva e crítica, estabelecendo as conexões entre teoria e prática, analisando o contexto e o seu entorno bem como proporcionando reflexões sobre o trabalho docente. Ainda segundo está perspectiva de estágio acreditamos na imersão do estagiário no campo profissional, o contato com a pesquisa e seus procedimentos científicos, momento de aprendizagem crítica reflexiva e outros aspectos.

Dito isto, abordar as atividades vivenciadas em tal disciplina nos levam a apontamentos cruciais, tais como a importância da prática e teoria em sala de aula, e das possibilidades em disciplinas que são obrigatórias ao longo dos cursos de licenciaturas e que não trazem em sua estrutura inicial a presença dos estudantes no chão da escola, e como estas devem se pensar a teoria e a prática como indissociáveis, sem querermos colocar uma como majoritária sobre a outra. Ainda segundo o plano de aula da disciplina, nos seus objetivos, pretendia-se que os graduandos desenvolvessem uma articulação entre as duas modalidades

(teóricas e práticas) a fim de tornar os mesmos sujeitos e sujeitas no e não do processo de aprendizagem.

Andamento da Pesquisa

Pretendo então trazer a pesquisa narrativa com foco na descrição adotada referente a disciplina de FMEA II e sua contribuição para a minha formação enquanto futuro docente, que foi caracterizada de cunho Qualitativa, buscando aprofundamento nas análises de conteúdos, utilizando escritos que dialogam sobre a prática docente e a teoria advinda das academias, farei pontuações entre manuscritos acadêmicos e os dados obtidos na pesquisa de campo, tal abordagem é dialogada por Gil (2008) *apud* Tesch (1990), onde o mesmo, detalha que tal método de apuração segue um estilo mais intimista, tendo como sua fonte direta de dados o ambiente natural, este sendo o seu principal instrumento, e os dados coletados são descritivos, havendo então uma maior valorização do processo ao invés de somente resultados obtidos.

Ao se tratar de uma descrição que se finaliza com a intervenção, posso destacar as palavras de Lindgren: “O pesquisador assume a responsabilidade não apenas de assistir os atores envolvidos através da geração de conhecimento, mas também de aplicação deste conhecimento” (Macke; Godoi; Bandeirante-Melo e Silva, 2006; Mathiassen, 2002 *apud* Lindgren et al.). De modo que ao pesquisar e aplicar a intervenção, não ficamos omissos com passividade dos atores envolvidos na produção dos conhecimentos, onde ao ir até a prática em sala, estamos colocando em execução o conhecimento adquirido ao longo da disciplina.

Conhecendo a Disciplina Fundamentos e Metodologias no Ensino de Artes II

Como dito anteriormente, tal estudo tem como foco apresentar e descrever as atividades realizadas durante a disciplina Fundamentos e Metodologias no Ensino de Artes II (FMEA II) e questionar sobre como a teoria e prática são importantes na formação discente, neste caso específico do Curso de Licenciatura em Pedagogia da renomada Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), que mesmo não tendo exigência de uma aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo da disciplina, nos mostra a possibilidade de utilizar a teoria como complemento da prática em sala de aula e como tais complementares são relevantes em nossa formação. No tocante a disciplina, em seu objetivo geral busca:

a) Levar os discentes a desenvolver a articulação entre teoria e prática de modo sistemático e contínuo através de pesquisas exploratórias, favorecendo o desenvolvimento da visão crítica do corpo discente, tornando-o sujeito no processo de aprendizagem.

Enquanto nos específicos:

a) Apresentar e discutir os fundamentos conceituais de Colonialismo e Pós-Colonialismo no contexto da Arte/Educação brasileira vinculados ao universo das práticas curriculares;

b) Orientar os alunos para a realização de estudos de leitura de imagens com temas de pesquisa em Arte/Educação Decolonial;

c) Promover a divulgação das pesquisas etnográficas realizadas em contextos escolares visando a definição dos temas de pesquisa qualitativa em Arte/Educação.

Apesar de entender a relevância em conhecer o ambiente escolar, assim como os sujeitos e sujeitas presentes nesta sala, fator utilizado nos estágios e programas que antecedem o fazer prático, nessa disciplina não foi possível realizar a observação do espaço e dos sujeitos e sujeitas, ademais, tivemos todas as informações relevantes sobre as turmas e o ambiente escolar através da coordenadora da escola, onde foi aplicado o plano de aula.

Com intuito de uma melhor compreensão de como se deu a aprendizagem teórica e a parte da execução prática relacionado ao plano de aula que trata das manifestações Indígenas no Brasil, iremos abordar de maneira detalhada nos tópicos a seguir.

Desconstruindo o Ensino de Artes

Ao iniciar o ano letivo, é costume do professor (a) daquela disciplina passar aos graduandos (as) como se dará a execução das aulas, trazendo os seus conteúdos programáticos, questões burocráticas da sua ementa, exposição concisa do processo de avaliação. Ainda no plano de aula disponibilizado pelo responsável da disciplina de (FMEA II), temos especificações quanto a forma de realizar os direcionamentos das aulas no período de 11/10/2023 a 29/02/2024.

Foi proposto pelo docente o estudo sobre Colonialidade e Pós-colonialidade no contexto da Arte-Educação brasileira, bem como uma ênfase nas culturas indígenas como condutoras dos processos de ensino-aprendizagem. É importante frisar que os textos abordados nos seminários abarcavam autores indígenas, divididos da seguinte forma: **Grupo 01:** Arte indígena Xakriabá: com um pé na aldeia e o outro pé no mundo, de Nei Leite

Xakriabá; **Grupo 02:** A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami, de Davi Koperawa e Bruce Albert; **Grupo 03:** Uma etnologia dos “índios misturados?” Situação colonial, territorialização e fluxos culturais, de João Pacheco de Oliveira; **Grupo 04:** Da “representação das sobras” à “reantropofagia”: povos indígenas e a arte contemporânea no Brasil, de Ilana Seltzer Goldstein.

Além de trazer uma discussão sobre as diversidades culturais indígenas através dos mesmos, durante os seminários tivemos a participação da estudante do Curso Licenciatura em Pedagogia da UFAPE Fulni-ô, Nayane Alves, que abriu as atividades em sua língua materna o Iathe (idioma dos Fulni-ô). Finalizando as discussões, Jaqueline Moura também estudante da UFAPE do curso de Agronomia, indígena Kambiwá e uma das lideranças jovens de cultura na sua aldeia, fomentou uma oficina de arte com a pintura de sua cultura.

Dando continuidade aos estudos provocativos de (des)construir o ensino de arte por meio das culturas indígenas, é de suma importância citar em detalhes a aula de campo na comunidade indígena Fulni-ô, em Águas Belas-PE que aconteceu na data 08/02/2024, e teve como tema “YAKHDESE FENKHETHA FULNI-Ô: Metodologias de Ensino de Arte”, onde tivemos a honra de sermos acompanhados/mediados pela aluna Nayane (Satx’kya), que esteve conosco nos seminários e esteve na Comissão de Organização do I e do II Encontro de Indígenas e Quilombolas na UFAPE que aconteceram respectivamente nos anos de 2021 e 2022.

Imagem 1 - Fotografia dos visitantes na aldeia Fulni-ô.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Ao longo da aula de campo a nossa mediadora apresentou a história da Aldeia, como suas lideranças que estão postos através de esculturas logo na praça central, as esculturas são de: Pajé Claudio, Cacique Zuma, líder Kimin, Pajé Basílio, Pajé Julião, líder Antônio, líder

Nezio e ao todo Nossa Senhora da Conceição (YASSAKLANE), que segundo a mediadora se trata da padroeira da aldeia.

Imagem 2 - Fotografia padroeira da aldeia.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Logo a frente das esculturas é possível enxergar uma nova escultura que foi feita em 2010, essa se encontra em destaque entre as demais, esta não se trata de uma liderança indígena da aldeia, mais sim do Padre Monsenhor Alfredo com uma criança indígena no colo, tal padre ainda nas palavras da mediadora teve uma contribuição significativa para o povo Fulni-ô, logo em seguida o professor faz uma indagação “O que chama mais atenção nesta escultura?” entre as respostas estiveram presentes: a) Que aparentemente a criança está pedindo ajuda, b) Uma leve impressão que o padre está a socorrer a criança, c) Embranquecimento da criança.

Imagem 3 - Fotografia Padre Monsenhor Alfredo.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Ainda no centro por trás do padre Monsenhor, existe uma igreja, é possível enxergar que nas portas existem imagens indígenas como o Bulios, Toré, Maracá e bem na entrada do meio o Cocá, este que é um dos principais símbolos indígenas existentes, contudo dialogando com essas marcações é possível perceber alguns direcionamentos católicos, como a existência bem ao centro no alto de uma cruz. Ou seja, existe de fato uma inserção da cultura católica na cultura indígena, o que pode ser compreendido pelo fator histórico relacionado a catequização, onde os padres ao chegarem no Brasil em missões, tiveram como objetivo inicial ensinar as suas crenças religiosas.

Imagem 4 – Fotografia da Igreja.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Após este momento de conversa e reflexão, temos a colaboração a luz de Freire (2020) que diz "Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gera-lo" (Freire, 2020, p. 115), assim, nos dirigimos até a Escola Estadual Indígena Fulni-ô Marechal Rondon, destaca-se que apesar de "Cândido Mariano da Silva Rondon" não ser indígena do povo Fulni-ô, possuía descendência indígena pois era filho de "Claudina Lucas Evangelista", uma mulher descendente de indígenas bororo e terena". No seu histórico destaca-se a atuação em duas instituições importantes na defesa dos indígenas no Brasil, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o mesmo também foi um dos defensores na demarcação do Parque Nacional do Xingu, a qual é a maior área indígena do Brasil.

Imagem 5 – Fotografia escola da aldeia.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Na escola somos acompanhados por Paula Francisca “Fekyane-Camaleoa” a mesma é a coordenadora dos anos iniciais na escola, e nos traz informações ricas referente a instituição. Existe a formação das duas línguas, sendo a nativa Yaathê e o português onde os próprios moradores da aldeia ensinam na escola, a tribo Fulni-ô segundo a mediadora do encontro é a única tribo do nordeste que mantém a sua língua nativa intacta, o ensino ocorre em horário específico dentro da própria grade de estudos, assim participam das aulas estudantes indígenas e não indígenas, haja visto que a escola recebe matrículas dos dois tipos de alunados.

Ao final da aula de campo, fomos direcionados para uma apresentação cultural, onde o Grupo de Guerreiros representados neste momento por sete jovens do sexo masculino de nomes: “Txhalé-Mar”, “Txhia-Laços”, “Khawly”, “Natx’lê-Planta”, “Elitsotso-Cabelo Arrepiado”, “Maktxô-Desconfiado” e “Nadjua-Boy”, os mesmos com idades entre 18 e 25 anos, trazem uma espécie de jarra de água, utilizam cocás, espadas e flechas, dançam em formato de círculos e entoam em sua língua nativa um cântico. Ao final da apresentação Txhalé nos brinda com uma reflexão sobre a importância da manutenção e perpetuação da cultura indígena como um todo.

Nas palavras de Almeida e Miranda (2015, p.3),

Podemos, assim, considerar que a história oral e a memória contribuem decisivamente para a formação da identidade de um povo por trazerem uma carga de culturas, crenças e valores éticos e morais que servirão de sustentáculo para a (re)construção dessa identidade que está em constante transformação.

Assim conhecer a história dos fulni-ôs, é nos fazer ruminar como é abordada as crenças e cultura nos ambientes escolares, e a importância de conhecer a história através dos indígenas. Logo em seguida, inicia-se o ritual de limpeza, pegando a água que estava presente na jarra e passando nos nossos braços e rostos, ao mesmo tempo em que os demais integrantes do grupo entoam uma canção.

Colocando Aprendizagens em Prática

Após as discussões fomentadas em sala de aula, bem como as vivências de campo, fomos conduzidos a realizar um plano de aula para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental para abordar o que foi promovido no âmbito acadêmico no contexto da educação básica, alinhando assim a relação entre teoria e prática. O plano de aula foi elaborado em grupos que foram direcionados a uma escola de Garanhuns-PE. O mesmo ocorreu no turno da manhã, o meu grupo ficou o 2º ano B, que possui um quantitativo total de 16 alunos, entretanto no dia da regência, estavam presentes 14 discentes, dos quais 06 eram meninos e 09 meninas.

Abordamos o conteúdo “Manifestações Indígenas no Brasil”. A aula teve como objetivo geral explorar as manifestações indígenas existentes no Brasil, destacando sua importância histórica. Já os específicos foram: a) Conhecer as manifestações indígenas existentes no Brasil; b) Refletir sobre a importância da preservação e valorização das culturas; c) Identificar as principais características da arte indígena brasileira. Vale destacar que foram disponibilizadas 1 hora e 40 minutos de aula, que corresponde a duas aulas na instituição de ensino que fomos aplicar o plano de aula, por isso, dividimos a metodologia em cinco momentos.

Para isto, foram estabelecidas através da BNCC, as seguintes áreas do conhecimento: **(EF15AR06)** Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais; **(EF15AR25)** Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas; **(EF02HI02)** Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades; **(EF15LP09)** Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado; **(EF15LP10)** Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao

tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

Ao adentrarmos a sala, aguardamos a finalização da atividade proposta anteriormente pela professora da turma para darmos início a execução do nosso plano. Iniciamos nos apresentando e logo após começamos introduzir a temática a ser trabalhada, considerando os conhecimentos prévios que eles tinham acerca do assunto, trazendo o seguinte questionamento de forma oral: “Como vocês imaginam que são os indígenas no Brasil?”. Tal questionamento, ao mesmo tempo que nos demonstra o conhecimento deles acerca do tema, também contribui para o próximo momento da aula, que consistia na criação de uma chuva de palavras.

Dentre as respostas deles constam as seguintes: a) Os indígenas caçam enquanto nós compramos no mercado; b) Usam roupas de folhas c) As cores mudam para homens e mulheres; d) moram numa caverna de madeira; e) comem formigas; f) se pintam pegando tinta de uma flor “de uma cor”, que plantam sempre e por isso nunca acaba.

É importante ressaltar que dentre as afirmações por parte deles, também houveram questionamentos, a citar: a) Onde os índios estudavam? b) Tomavam banho? c) Usam celular? d) Tem carro? Como o intuito era certificar-se dos conhecimentos prévios dos próprios discentes, devolvemos os questionamentos para a turma, onde houveram contradições, alguns acreditavam que os indígenas não estudavam e nem tomavam banho, já outros pontuaram que já viram na televisão e que estudavam na escola deles onde o quadro era verde de giz e tomavam banho no rio, mas sem sabão, “Quanto mais situações são criadas para refletir em grupo, mais rico será esse processo, pois mais pontos de vista se manifestam” (Davoli, 2007, p. 32).

Após esse momento, foi proposto uma roda de conversa, ainda pensando nas diversas situações que poderiam levar o alunado a manifestarem seus pontos de vista, onde foram expostas imagens que levamos acerca das manifestações e/ou vivências indígenas para que eles pudessem observar e assim aprofundarmos os conhecimentos deles.

O grupo de estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia, pesquisaram imagens não de forma aleatória, pois focaram especificamente nas diversas formas de vestimentas indígenas, nos artesanatos produzidos, diversos tipos de pinturas, e nas múltiplas formas de moradias. Após a disponibilização de tempo para que todos os presentes em sala de aula observassem as imagens, foi iniciada a explanação acerca de cada vivência retratada, com questionamentos e direcionamentos a reflexão crítica/reflexiva do assunto que estava sendo

dialogado naquele momento, respeitando o tempo para que as reflexões tivessem sentido e que não ocorresse um ensino e aprendizagem parcial ou isolado da realidade, respeitando as diversas singularidades e multiplicidades destes povos indígenas.

Imagem 6 – Fotografia expostas na atividade.



Fonte: Acervo da Disciplina, 2024.

Em relação a pintura, evidenciou-se as cores predominantes, que são o preto e o vermelho e em seguida explicou-se o porquê de tal predominância, indagando sobre a produção própria das tintas e do cultivo/plantação das árvores, pois este é o principal meio de extração da matéria prima como dito em sala de aula por a indígena Jaqueline Moura do povo Kambiwá. Já em relação aos artesanatos foram apresentados e explicado quais materiais utiliza-se para confecção dos mesmos, para a moradia e vestimentas foram levadas imagens que levassem eles a refletirem e comparar as vestimentas de rituais e as do “dia a dia” que seriam semelhantes às que usamos cotidianamente, assim como as moradias que foram retratadas casas de alvenaria e as ocas.

Embora estivéssemos lá para repassar as informações, a todo momento o grupo utilizou uma metodologia que levasse os alunos a refletirem acerca do que estavam vendo nas imagens e não apenas darmos as informações sem direcionar a um pensamento crítico por parte do alunado. Ao fim da roda de conversa, evidenciou-se que conforme fomos ficando mais tecnológicos e pôr os indígenas ocuparem os mais diversos espaços os mesmos acompanharam as evoluções, e hoje tem um estilo de vida muito semelhante ao nosso, ao adaptarem-se às transformações, mas ainda se diferenciam por manterem suas tradições

originárias.

No último momento, após a explanação do tema, os alunos realizaram desenhos das manifestações que mais gostaram, dentre as apresentadas, ressalta-se que não era uma cópia das imagens apresentadas, pois os alunos deveriam passar através dos desenhos os novos conhecimentos adquiridos durante os momentos anteriores.

No plano, após esse momento haveria a culminância com um varal artístico onde seriam colocados os desenhos realizados, para ficarem expostos em sala. Entretanto, tivemos que adaptar e a culminância consistiu na apresentação dos desenhos dos discentes, tal adaptação se tornou necessária, pois na sala de aula não era permitido colar cartazes, e as produções dos alunos ficavam guardadas em um espaço (móvel) separadas por nome dos discentes e outras eram levadas para casa.

Influências da Universidade na Educação Decolonial

O ambiente acadêmico deve ser visto além dos muros físicos da sala de aula, a Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) tem um histórico recente enquanto Universidade, uma vez que a mesma foi até algum tempo atrás uma Unidade Acadêmica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, popularmente conhecida como Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG). Com o processo de desvinculação deixando de ser unidade acadêmica, e sendo agora universidade independente, carrega então consigo o papel de firmar o seu legado como uma universidade pública e de qualidade, entre as demais universidades federais do Brasil.

Posso então dizer que a UFAPE vem se consolidando em diálogos a respeito das singularidades dos seus discentes, abordando entre outras temáticas os indígenas e quilombolas. Como foi o caso do evento não mais “esporádico” Encontro de Indígenas e Quilombolas na UFAPE, que aconteceu pela segunda vez no ano de 2023, e trouxe como tema “Diálogos entre Conhecimentos Tradicionais e Científicos”, onde buscava uma promoção e interação destes, além de um fortalecimento das identidades e pertencimento étnicos.

O evento não tinha como público alvo apenas tais estudantes indígenas e quilombolas, mas sim toda a comunidade acadêmica e público externo, pois almejava-se proporcionar a comunidade reflexões a respeito da valorização da cultura e saberes destes povos originários e comunidades tradicionais, além de um eventual combate ao racismo e todas formas de

discriminações na e fora da academia, abordando entre tantos diálogos a importância da política de ações afirmativas e de permanência, pois se trata de um fator crucial para essas minorias, e o papel institucional da Universidade como fator inevitável na vida destes sujeitos e sujeitas para a ascensão social.

O evento do ano de (2023) aconteceu em conjunto com o Observatório de Políticas de Ações Afirmativas da Assistência Estudantil, que nasceu do protagonismo de estudantes indígenas e quilombolas após realização do 1º Encontro no ano 2022 que teve como organizador principal o estudante egresso Jêison Juraci dos Santos, povo Pankararu, do curso de agronomia e participante do Programa de Educação Tutorial (PET) Comunidades Populares e Quilombolas. A Pró-reitoria de Assistência Estudantil (PRAE), instituiu o Observatório através da Portaria nº 01/2023-PRAE, de 07 de agosto de 2023, sendo então coordenado pela Diretora do seu Departamento de Políticas Estudantis e Ações Afirmativas (DPEA), Emanuelle Chaves Pinto.

Assim como as eventuais palestras/encontros que ocorrem na UFAPE, como foi o caso da roda de diálogos com tema “ Estudantes Negro(a)s nas Encruzilhadas da vida” com seu acontecimento também no ano de 2023, que teve a presença de egressos e graduandos da universidade ao longo de uma tarde, com idealização do professor Dr. José Bezerra de Brito Neto, buscando dialogar sobre as suas experiências enquanto estudantes de uma Universidade pública e como este ambiente contribuiu de forma significativa para a ascensão de futuro, esses eventos não eram restritos a um público específico, onde vislumbrava trazer um público geral de maneira interna e externa da universidade.

Não Finalizando

Conclui-se, que a experiência vivenciada no ambiente acadêmico assim como as variadas experiências fora da sala de aula na academia, nos leva a uma melhor prática docente em sala de aula, a intervenção nos faz refletir sobre a nossa formação e nossa atuação enquanto futuros profissionais da educação e tipos de docentes que seremos.

Destaca-se que as disciplinas mesmo não tendo um cunho prático ao longo da mesma, pode oferecer esses momentos de intervenções de acordo com a sua própria ementa, ressaltamos ainda que o docente na academia é um formador constante e todas as suas práticas tem um poder de formação perante os futuros docentes, deste modo a disciplina de Fundamentos e Metodologias no Ensino de Artes II juntamente com a formação crítica e

maneira excepcional que o professor abordou a temática só teve a contribuir na formação dos discentes, se tratando do planejamento em específico, nos leva a uma sequência rica de teorias aprendidas na sala de aula além das aulas fora academia (aulas de campo), e finalizando o processo com a prática em salas de aulas, no chão da escola de alunos residentes do 1º ano 5º ano do ensino Fundamental.

Neste ínterim, tais questionamentos só foram possíveis serem pensados a partir das ricas experiências advindas da disciplina como um todo, visto que ao passarmos o conhecimento para o alunado, fomos professores pesquisadores acima de tudo, tendo a oportunidade de buscar a história indígena com os próprios em sua tribo com escritores indígenas e simpatizantes e assim poder perpassar de maneira ímpar o que estava proposto na nossa intervenção.

Por fim, pretende-se com esse estudo não finalizar os diálogos/reflexões acerca das disciplinas que são consideradas teóricas e não práticas e o quanto a junção da teoria e a prática em seu fazer é interessante para os futuros graduados, carregando consigo então uma reformulação nas ementas e nos conteúdos, levando os docentes a repensar então como pode ser abordado e colocado em prática os conhecimentos adquiridos na prática pedagogia ou como costumamos falar, no chão da escola.

Referências

ALMEIDA, Eliana do Sacramento de; MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. História Oral, Comunidade Quilombola e Preservação da Saúde: Narrativas e Rememoração. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL*, 10, 2015, Bahia. **Anais...** [...] Olinda, 2015. p. 1-10. Disponível em: https://www.nordeste2015.historiaoral.org.br/resources/anais/11/1439163055_ARQUIVO_ARTIGOENCONTRODEHISTORIAORAL2015.pdf. Acesso em: 02 mar. 2024.

CLANDININ, Dorothy Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

DAVOLI; Mara. **Documentar processos, recolher sinais** *In: Documentação pedagógica: teoria e prática*. BARBOSA, Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO; Amaral Suely. Pedro & João Editores, São Carlos- SP, p. 27-42. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 72. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, Christiane Kleinübing; MELO, Rodrigo Bandeira de; SILVA, Anielson Barbosa. **Pesquisa Qualitativa nas Organizações - Paradigmas Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

MIRANDA, Joseval dos Reis. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E A ATUAÇÃO DE PEDAGOGOS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE*, 9., 2009, Curitiba. *Anais [...]* Curitiba, 2009. p. 6452-6463. Disponível em: <https://silo.tips/download/o-estagio-supervisionado-e-a-atuacao-de-pedagogos-em-espaos-nao-escolares>. Acesso em: 03 mar. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.